



*Guidelines for submitting papers to the IX Brazilian Congress of Agroecology – Belém, Pará
– BRAZIL, 2015*

Convivência com o semiárido: “o jeito de fazer agroecologia no sertão”

Convivencia con lo semiárido : la manera de hacerlo agroecología en el sertão

TROILO, Gabriel¹

1 Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho” (UNESP) / Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE), gabriel.ogabiru@gmail.com;

Seção Temática: Sócio Biodiversidade e Território

Resumo: O objetivo deste trabalho foi avaliar a forma como as tecnologias sociais de convivência com o semiárido gestadas por sertanejos de comunidades tradicionais de fundo de pasto tem o potencial de reproduzir o modo de vida destes sujeitos através de uma relação racional com a caatinga. Para tanto foi promovido um estudo de caso em uma comunidade tradicional de fundo de pasto, onde, através do diálogo com pequenos produtores sertanejos sobre a forma como eles encaram seu modo de vida e a importância da caatinga para as atividades produtivas e para a soberania alimentar e territorial de suas comunidades, foi possível levantar importantes contribuições para o debate da agroecologia no semiárido.

Palavras-chave: Comunidades tradicionais; Tecnologias sociais; Soberania alimentar

Abstract: The objective of this study was to evaluate the way in which social technologies of convivencis with the semiarid gestated of traditional communities of pasture fund has the potential to reproduce the way of life of these subjects through a rational relationship to the caatinga. For that was promoted a case study in a traditional community of pasture fund, where , through dialogue with small farmers sertanejos on how they see their way of life and the importance of the caatinga for productive activities and food and territorial sovereignty of their communities, it was possible to raise important contributions to the debate of agroecology in the semiarid.

Keywords: Traditional Communities; Social technologies; Food sovereignty

Introdução

Nas últimas décadas o povo do campo organizado em movimentos, entidades e associações tem investido esforços para o reconhecimento, valoração e desenvolvimento de tecnologias de domínio popular historicamente construídas por sertanejos e que garantem a autonomia destes sujeitos e suas comunidades em seu ambiente de vida. Em sua maioria elas giram em torno das estratégias de armazenamento de água, alimentos, e recursos durante os períodos chuvosos para garantir sustento nos momentos de escassez. Além da utilização apropriada dos mesmos para o aproveitamento das potencialidades da caatinga para a produção e



reprodução dos meios de vida das comunidades (COQUEIRO, 2012). É neste sentido que Lima (2008) afirma que *“não adianta tentar combater a seca, nem fugir dela. É preciso conviver com as condições do semiárido e saber como melhorar os meios de vida das pessoas que moram em comunidades rurais”*(2008, p.10).

A convivência com o semiárido é assim apresentada como um conjunto de estratégias de subsistência do povo sertanejo em seu ambiente de vida, não se desenvolvendo só na atualidade, pois é certo que toda comunidade humana que habitou este ambiente criou formas de se adaptar ao clima severo e às condições mais rígidas. (SCHISTEK, 2009). Como afirma o Schistek, as tecnologias sociais de convivência com o semiárido reproduzem as próprias estratégias adaptativas dos animais e das plantas à inconstância de água no ambiente semiárido. Somente a partir de uma integração entre os saberes populares acumulados historicamente e as inovações técnicas geradas pelo conhecimento científico tem sido possível o avanço das estratégias que garantem o desenvolvimento das comunidades através de uma relação racional com o ambiente. Assim podemos reconhecer que a convivência com o semiárido é constituída a partir de elementos que são debatidos no âmbito dos princípios centrais da agroecologia: referenciar a produção humana na natureza através do que Petersen denomina como *“construção de analogias estruturais e funcionais entre o ambiente natural e os processos produtivos sociais”* (2009, p. 10).

Nesta mesma perspectiva Altieri (2012) reconhece que a produção agrícola superou o reducionismo do debate estritamente técnico e avança para uma leitura mais complexa que leva em conta o espaço rural não somente como setor da economia, mas como um ambiente em que a vida se desenvolve em suas dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas. Nestes termos a produção da subsistência junto aos espaços naturais construída historicamente por comunidades sertanejas demonstram a viabilidade de se estabelecer um intercâmbio material entre sociedade e natureza dentro de uma racionalidade ecológica que cumpra as demandas sociais e sustente a capacidade suporte do ambiente natural. É como



Gliessman (1998) defende em seu debate: os ambientes produtivos tem na ciência agroecológica as bases técnicas para garantir não somente a produção agrícola interessada ao sustento humano, mas, de maneira igualmente relevante, garantir a geração do aporte de recursos naturais necessários à autossuficiência do próprio ambiente.

Procurando compreender as contribuições que estas formas de relação tem para o debate da agroecologia no semiárido foi empreendido um estudo de caso com sertanejos de uma comunidade tradicional de fundo de pasto. O objetivo deste trabalho, portanto, foi avaliar a forma como as tecnologias sociais de convivência com o semiárido tem o potencial de reproduzir o modo de vida das comunidades sertanejas, garantindo a soberania alimentar e territorial das mesmas, através de uma relação racional com a caatinga.

Metodologia

Para a realização deste trabalho foi promovido um estudo de caso em uma comunidade tradicional de fundo de pasto do semiárido baiano, a comunidade de Muquém. Assim como nas diversas comunidades sertanejas existentes na área rural do município de Monte Santo, Estado da Bahia, os sertanejos de Muquém vivem da pequena agricultura de subsistência, criação extensiva de caprinos e ovinos e do extrativismo de produtos da caatinga. A investigação foi promovida a partir de uma abordagem qualitativa através de entrevistas semiestruturadas e do diálogo direto do pesquisador com grupo de 17 produtores rurais da comunidade. O diálogo teve o objetivo de trazer à tona as seguintes reflexões: o modo como estes sujeitos encaram suas práticas produtivas em relação à forma dominante de agricultura; e a importância da caatinga e das tecnologias de convivência com o semiárido para a soberania alimentar e territorial das comunidades. Além de tudo, tentar travar um diálogo sobre as propostas da agroecologia enquanto modelo de desenvolvimento da pequena agricultura em âmbito maior e a maneira como os sertanejos reconhecem os princípios da mesma em sua forma de vida. Os resultados das



entrevistas foram sistematizados, reunidos por similaridade de narrativas, submetidos à comparação e produzidas sínteses que dessem conta de responder aos objetivos.

Resultados e discussões

A maioria dos sertanejos entrevistados expressaram uma identidade forte com seu modo de vida, reconhecendo nas práticas tradicionais de produção agrícola, extrativismo e criação de caprinos e ovinos sua base de desenvolvimento e a garantia de subsistência mesmo em meio à dinâmica da economia capitalista. Dentre os diálogos chegaram a chamar atenção a narrativa de alguns dos sertanejos comparando a agricultura industrial à suas práticas, tratando esse tipo de economia como produtora de “comida para vender” e de “ração para gente”, e não de alimentos básicos e saudáveis para o sustento de sua família. Apenas alguns produtores mais jovens, já iniciando uma integração à linhas de crédito e ao modelo dominante demonstraram não confiar nas formas tradicionais de produção, pelo fato de não garantirem a renda necessária para seu sustento. Quando questionados sobre a importância da caatinga e das tecnologias de convivência com o semiárido quase a totalidade dos entrevistados demonstraram em suas narrativas uma relação de dependência forte de suas práticas para com o ambiente natural, relacionando a caatinga preservada como sendo a base de todo o sustento das comunidades que vivem no semiárido. O conhecimento de como manejá-la a ponto de retirar das plantas a nutrição para os rebanhos ao mesmo tempo que os frutos que periodicamente são utilizados na alimentação das famílias foi tratado com grande detalhe pelos mais velhos. Já as técnicas de plantio com adaptações ao clima severo e a diversidade de conhecimentos e práticas de armazenamento de água eram colocadas pelos agricultores como importantes como tecnologias recentemente alavancadas pela organização das comunidades. Das colocações feitas em todas as conversas quando se inseria o tema da agroecologia, e se explicava de forma simples as suas propostas para o campo, a reação mais comum era de reconhecimento de algo que já era praticado pelo povo sertanejo “*desde os tempos antigos*”. Para eles viver no sertão e saber conviver com a caatinga e com o



clima severo do jeito que eles aprenderam era possível de ser desenvolvido para todo e qualquer tipo de comunidade, e talvez de forma mais fácil em outros ambientes, que haveria modo das pessoas que vivem no campo terem a garantia do *“bom alimento e do sustento necessário”*.

Conclusões

A partir do estudo de caso é possível compreender como o modo das comunidades tradicionais de fundo de pasto se desenvolverem historicamente no semiárido demonstram um exemplo claro das formas de relação debatidas pela agroecologia, e podem ser reconhecidas e potencializadas como modelo de desenvolvimento do campesinato sertanejo. Com vista nos resultados apresentados é possível compreender que através das práticas de convivência com o semiárido, como as atividades agropastoris e agroextrativistas, é que os sertanejos sobrevivem e se desenvolvem junto à caatinga sem degradá-la, reconhecendo no ambiente natural a base não só de sustento próprio, mas da soberania alimentar e territorial das comunidades.

Referências bibliográficas:

ALTIERI, M. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo: Expressão Popular, 2012. 400 p.

COQUEIRO, J. da R. O semiárido brasileiro: lugar de vida do/a camponês/a. Revista Eletrônica Entrelaçando · Nº 6 · V. 1 · p.47-60 · Ano III · Set.-Dez. 2012.

GLIESSMAN, S. R. Agroecology: ecological process in sustainable agriculture. Ann Arbor, MI: Ann Arbor Press, 1998.

LIMA, M. de S. Desenvolvendo uma cultura de estoques e convivência com as condições de Semi-árido. Ouricuri-PE: Caatinga, 2008. 54 p.

PETERSEN, P. Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. 168 p.

SCHISTEK, H. A convivência com o semiárido. São Paulo: Peirópolis, 2003. 56 p.